

CRÍTICA LITERÁRIA

★ O ANJO ANCORADO, romance, por José Cardoso Pires

QUANDO, em 1868, Leão Tolstói insere, nos «Arquivos Russo», o seu artigo «Algumas palavras a propósito da «Guerra e Paz», o primeiro ponto que discute na argumentação dos críticos que tinham apreciado na imprensa os capítulos da grande obra em publicação é aquele que diz respeito ao carácter ambíguo, como género literário, desse assombroso trabalho. «Que vem a ser a «Guerra e Paz»? — interrogava o escritor. «Não é um romance, muito menos um poema, e não é sequer uma crónica histórica. «Guerra e Paz» é o que o autor quis e pôde exprimir pela forma como o exprimiu» — respondia. Tinha razão. Acontecia, porém, que Tolstói apenas podia exprimir-se, superiormente, como romancista, ou, pelo menos, como escritor de ficção, e deste modo tudo quanto dizia na sua obra de maneira diferente daquela que lhe era intrínseca não só desmerecia do seu génio como não afectava, em verdade, o que na «Guerra e Paz» relevava da natureza do género em que o extraordinário escritor instintivamente se exprimia. Eis o que explica a glória de uma obra em muitas das suas páginas maculada por uma discursividade filosófica de terceira ordem. Sejam quais forem os erros e demasias de um verdadeiro escritor de ficção, nada diminuirá a sua obra desde que ele saiba dizer nela o que tem a dizer pelos meios que lhe são mais naturais. E nisto se resume, afinal, todo esse debate, que muita tinta tem feito correr entre nós, o qual consiste em estabelecer uma distinção clara entre o que é e o que não é escritor de ficção. Em última análise, escritor de ficção é aquele que, ao exprimir-se, não sabe nem pode fazê-lo melhor do que o faz quando se exprime através dos elementos intrínsecos a toda a literatura de ficção: a história, as personagens, o conflito, a objectivação anedótica das ideias, numa palavra, a gramática substancial desse género literário autónomo.

Superfluo se nos afigura, portanto, o facto de a crítica contemporânea

da «Guerra e Paz» ter acusado Leão Tolstói de erros que em nada empanavam o brilho da sua obra-prima enquanto obra-prima de ficção. E sempre que isso se repete, isto é sem-

FOR
JOÃO GASPAR SIMÕES

pre que a crítica tem de apreciar, uma obra de ficção cujas premissas foram em verdade resolvidas adentro da gramática do género, não obstante as adiposidades que apresenta de outra natureza, afigura-se-me obrigação sua não atribuir importância primacial ao que, na realidade, é secundário. Estas prudentes considerações me ocorrem ao voltar a última página do novo livro de José Cardoso Pires «O Anjo Ancorado», agora publicado na «Collecção Sucessos Literários», da Editora Ulisseia. Orgulho-me de ter sido das primeiras pessoas que chamaram a atenção do público para o talento deste jovem ficcionista que se estreou em 1949 com o livro «Os Caminheiros e Outros Contos». Em verdade, essa estreia, numa hora em que a nossa produção neo-realista patinhava num falso lirismo de mau signo literário, podia considerar-se excepcional, tão sem papas na língua a arte de contar desse moço escritor. Voltando costas ao sentimentalismo populista, caminhava em frente, na direcção daqueles escritores que nos Estados Unidos, a um golpe de vista rápido sobre a realidade evocada, altavam uma prova que chamava as coisas pelo seu nome. Um prosador de estilo seco e encurto, preferindo o calão ao termo erudito e a poesia das palavras à poesia das frases, se nos revelava com efeito nesse livro onde havia alguns contos (por exemplo, «Estrada 24») em tudo dignos de antologia. Anos depois, em 1952, publicava José Cardoso Pires o seu segundo livro, «Histórias de Amor», e só agora, seis anos mais tarde, volta a dar à estampa uma pequena novela. Já em «Histórias de Amor» se denunciava uma tendência que neste novo livro subsiste: esse pendor, con-

denado pelos críticos de Tolstói, a acrescentar, discursivamente, à matéria propriamente anedótica da ficção, considerações de ordem crítica ou doutrinária acerca do significado dessa mesma ficção. Um longo prefácio esclarecia o leitor daquele livro acerca das intenções dos contos nele contidos. Desta vez, José Cardoso Pires resistiu à tentação do prefácio, mas claudicou no posfácio. E posto a nota que lhe pôs seja das mais sóbrias que ainda escreveu no género, é quanto basta para desorientar o leitor, que acabara de voltar, empolgado, a última página do «romance». («Fábula» lhe chama, na nota final, mas não é «fábula» nem «romance», apenas, e magistralmente, «novela»). Para que querer forçar o leitor a interpretações alheias à própria substância da lei-

(Continua na 8.ª página)

CRÍTICA

LITERÁRIA

(Continuado da 7.ª página)

tura? Muito bem pode ser que José Cardoso Pires, como sugere no posfácio, tenha querido confrontar duas gerações. Se era essa a sua intenção, não é essa, porém, a mola real da sua novela. Quem a lê, lê-a como uma história, e como uma história que não precisa de comentários para ser entendida em todas as suas virtualidades intrínsecas. Escusavam-se, também, as notas de ao pé da página, especialmente aquelas em que se apresentam as personagens. De maneira geral todas as notas, em literatura de ficção, prejudicam a leitura e quebram a magia inerente ao próprio fenómeno desse «envouement» que pressupõe o convívio do leitor com a obra de ficção. São estes, porém, senões susceptíveis de diminuir o valor essencial de «O Anjo Acorado»? Não. E aqui se inserem as conclusões a que cheguei no intróito desta apreciação crítica. José Cardoso Pires é estruturalmente novelista. Diga o que disser em prefácios, posfácios, notas e comentários, as suas histórias encerram tudo que é preciso para uma história valer como história. A dentro da sua geração, não vejo quem se lhe avante na arte segura, tensa, rápida, sóbria, mágica, direi, mesmo, de contar uma história, de evocar um episódio, de pôr de pé uma «fábula», já que o termo é caro ao autor de «O Anjo Acorado». Cautela, porém; é por aqui que a bela embarcação literária de José Cardoso Pires pode vir a meter água. A «fábula» pressupõe uma moralidade e implica um desenvolvimento coordenado em ordem a um segundo sentido anterior á congeminação da própria história. Não falta poesia — essa poesia que se quer mais que poesia — até na própria estilística do autor dos «Caminheiros». Mas a poesia que a fábula exige é de natureza menos lírica. Admirável o episódio do perdigoto. Mas o que é admirável nesse episódio não tem que ir buscar-se a qualquer recôndito sentido alegórico: está ali mesmo, nos passos da caçada, na manha do caçador, na candura da vítima e na fascinação da paisagem em que homem e ave se perseguem. No dia em que o escritor perca a frescura de visão e a alacridade da escrita, ser-nos-á legítimo perguntar se a culpa não cabe a qualquer congeminada «fábula» que se lhe meteu na cabeça pôr por escrito.

Não. Assim mesmo, sem transcendência intelectual deliberada, mas com a transcendência poética que avulta do próprio tecido da história, e é tanto mais admirável quanto é certo basedr-se em coisas de nada, figuras de nada, palavras de nada, dramas de nada, assim, e só assim, pode José Cardoso Pires, no dia em que meter ombros a uma obra de maior folego (anuncia para breve «O Hóspede de Job»), proporcionar-nos o romance, a novela ou o conto — pouco importa — que definitivamente o consagre como um dos maiores ficcionistas da sua geração. «O Anjo Acorado» já é uma obra excepcional: uma bela, impetuosa e sadia página da nossa novelística contemporânea.

JOÃO GASPAR SIMÕES